



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6792 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

FORMAR, NARRAR, EXPERIENCIAR E RESSIGNIFICAR: O MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA NA EJA
 Lucas Bispo de Oliveira Santos - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
 Tânia Regina Dantas - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Notas introdutórias

O papel e a importância do professor dentro do contexto de lutas e incertezas pelas quais a sociedade e a educação brasileira passam atualmente é de fundamental singularidade. E ser professor e pesquisador da Educação de Jovens e Adultos é aprender com eles, muito mais do que ensinar. É necessário para tanto, refletir as trajetórias dos educandos e o tempo de cada um deles, e reconhecer cada faixa etária com suas especificidades, respeitando a diversidade como regra, motivando sempre e não desistindo jamais. Tendo posto isto, trazemos aqui algumas reflexões que levaram à construção desse texto.

Debater como ocorre o processo formativo dos professores de Geografia em relação à Educação de Jovens e Adultos e como as experiências podem ser um ponto chave para o estabelecimento da conexão entre professores e estudantes dessa modalidade de ensino, emerge como uma questão de pesquisa, por conta da trajetória profissional e de pesquisa dos autores.

É necessário *a priori*, se considerar que todo processo formativo se trate de um processo de autoaprendizagem, pois perpassa a forma de como lidar com a vida. Sobre essa questão, Nóvoa e Finger (1988, p. 116) afirmam que:

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’.

Diante dessa afirmativa, podemos dizer que o método (auto)biográfico proporciona ao pesquisador e ao pesquisado (re)pensar sobre o seu percurso de vida.

Conforme destaca Nóvoa (1992) a abordagem (auto)biográfica permite “conjugador diversos olhares disciplinares, de construir uma compreensão multifacetada e de produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de saberes” (p.20).

Mediante essa abordagem, é possível promover e evocar o (re)conhecimento dos itinerários formativos dos professores de Geografia da EJA. Nesses itinerários é fundamental

que o professor em formação reflita sobre o que ensinar, por que ensinar, para quem ensinar, de que forma ensinar, como estabelecer suas estratégias de ensino, visando atender às necessidades sociais específicas dos sujeitos dessa modalidade de ensino.

Considerando a formação no âmbito da experiência, lembramos das reflexões de (LARROSA, 2004a) ao falar, que a experiência agora não é mais definida por um tempo cronológico vivido, e sim pelos momentos em que somos atravessados e levados a novos modos de existir.

Em Heidegger, temos uma definição de experiência que converge com Larrosa e nos ajuda a entender as complexidades presentes no processo formativo do sujeito:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

A complexidade do professor, sujeito de experiência, é vista sob um ponto de vista subjetivo, pois o mesmo é um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido e ao mesmo tempo um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. Os professores da EJA constroem assim, as suas ações pedagógicas pautadas nas subjetividades do cotidiano e do contato diário com os estudantes em sala de aula.

É relevante salientar que a Educação de Jovens e Adultos não se refere apenas ao ato de inserir este aluno no ambiente escolar, mas garantir efetivamente a escolarização do sujeito. Todavia, para que esta inserção tenha êxito é necessária uma melhor formação dos profissionais da educação, considerando-se que os cursos de licenciatura durante muitos anos não ofereceram disciplinas e nem formações que contemplassem esta nova realidade educacional. Em suas análises sobre formação de professores, Paulo Freire (2003, p 42-43) ressalta que “na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Nesse contexto, utilizaremos os relatos de experiência contidos nas entrevistas narrativas como dispositivo reflexivo sobre a prática docente e como meio de encontro das histórias de vida dos professores de Geografia. Delory – Momberger (2012, p. 529) nos lembra que “o relato, [...], não é somente o produto de um “ato de contar”, ele tem também o poder de produzir efeitos sobre aquilo que relata”.

As narrativas na produção do ser professor da EJA

A narrativa é uma possibilidade de escuta do outro, mas, sobretudo, da escuta de si, porque ao ouvir e falar do outro, falamos e ouvimos sempre um pouco de nós mesmos. A experiência do outro é algo que pode nos acontecer. Assim, as narrativas dos professores de Geografia vão nos tornar possível a aquisição de conhecimentos dentro da área de análise pretendida, revelando novos saberes para as atividades realizadas em nosso local de trabalho. Souza nos lembra que

A experiência narrada resgata um momento vivido e se transforma em uma nova experiência para quem narra e para quem ouve. No momento em que é transmitida a outras pessoas, ela ganha vida e significado (SOUZA, 2020, p.84).

Assim, as narrativas fundam a experiência humana e constituem uma forma de transmissão de informações, contribuindo para reavivar memórias, para o sentimento de

pertença e para dar voz e visibilidade aos professores que trabalham com sujeitos que historicamente foram excluídos do processo de ensino-aprendizagem. De modo evidente, essa dinâmica se deve ao fato de que vidas humanas estão constantemente se deslocando em direção ao novo.

Esta, portanto, convoca o sujeito à reconstrução de seus trajetos e repertórios, exercita um trabalho de construção da memória que acarreta a reconstrução da narrativa do pensar sobre si. Uma memória que lembra, que reconstrói, que esquece e que inventa, torna-se potente de uma imaginação criadora (CASTORIADIS, 2004).

A inspiração, nos propõe a considerar que os estudos e pesquisas sobre as narrativas (auto)biográficas acenam para a possibilidade do resgate ao fazer docente a partir de uma construção identitária.

As memórias, desses professores vão constituir, um papel essencial no fortalecimento do eu individual – profissional – coletivo, mas especialmente, para o entendimento e confrontamento do fazer profissional diário. Pineau (2006, p. 240) caracteriza a narrativa autobiográfica “como um meio pessoal maior, e talvez incontornável, do exercício em um círculo diferente do ‘curvar-se (fechar) reflexivo e desdobrar-se (abrir) narrativo’”. A riqueza desta forma de abordagem reside, dentre outros aspectos, no fato de que as narrativas autobiográficas fazem emergir momentos da história de vida dos professores, que evidenciam elementos de sua cultura e formação que podem ser examinados pelo pesquisador (GALVÃO, 2005).

Em relação à Educação de Jovens e Adultos, torna-se interessante salientar os desafios que esta impõe aos profissionais da educação envolvidos, pois, para se fazer aulas com alunos estigmatizados, tratados *a priori*, como repetentes, evadidos, defasados conforme nos lembra Arroyo (2001) e garantir a aprendizagem dos mesmos é necessária uma formação específica e de qualidade, com uma boa rede de apoio entre o Estado, as organizações da sociedade, o setor privado, a escola e os professores. No caso mais específico dos professores, tendo-os como referência na figura de mediadores na sala de aula, vê-se que estes devem focar no desenvolvimento de competências que lhes permitam construir uma identidade pessoal e profissional, ressaltando o seu comprometimento com a qualidade do trabalho e a aprendizagem dos alunos.

Para que os professores possam ajudar os alunos a chegarem a tal objetivo é necessário o enriquecimento das experiências e dos seus processos formativos. No caso do ensino de Geografia, consideramos que esse professor deve colaborar com os alunos, promover uma oportunidade de enxergar processos que estão sendo construídos por ele na escola e no mundo. Pois, a atribuição da educação é conduzir o crescimento intelectual, moral e ético do sujeito em comunidade através de ensinamentos, exemplos e experiências levadas à escola, fazendo com que cada um se conscientize e se responsabilize pelo destino de sua própria vida.

Proposições Metodológicas

Ao pensar na complexidade que envolve o processo formativo, em especial, aquele que contemple a diversidade e as diferenças presentes na EJA, evocando e valorizando as experiências do individual, do profissional e do coletivo é necessário que se cumpra uma série de etapas para que se tenha um bom resultado.

Para a discussão aqui posta, devemos observar que a metodologia consiste em uma opção referente “como” realizar uma pesquisa de modo a atender aos objetivos da mesma (IVENICKY; CANEN, 2016) e ao pensar sobre a metodologia em questão foi feita uma opção

pela abordagem qualitativa.

Oliveira menciona que “a abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2016, P.37).

É fato que a metodologia qualitativa “não se define por uma coleção de técnicas e instrumentos; e sim, pela lógica que orienta o processo de investigação; lógica esta que, por sua vez, é determinada pelos pressupostos teórico – epistemológicos” (Mazzotti, p.56,1991) que determinam o paradigma desta pesquisa.

No caso em questão, a compreensão será ancorada no método (auto)biográfico, tendo como dispositivo de coleta de dados, as entrevistas narrativas. Jovchelovitch e Bauer nos lembram que

as narrativas são infinitas em sua variedade e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social (Jovchelovitch e Bauer, 2002,p.91).

Além desses aspectos, as entrevistas narrativas são consideradas como “um procedimento de construção de dados de pesquisa sociológica, cujo objetivo é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes” (SCHÜTZE, 1992a). Permitindo assim, um expressivo protagonismo do narrador, uma vez que teremos a possibilidade de aprofundar sobre sua trajetória pessoal e profissional.

Tendo em vista essa situação, é necessário que se encoraje e estimule o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida. Para tanto, será necessário cumprir uma série de regras como: ativar o esquema da história; provocar narrações dos informantes; e uma vez começada a narrativa, conservar a narração andando através da mobilização do esquema autogerador (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002).

Quanto ao método (auto)biográfico, Delory – Momberger (2012, p.525), traz que a “compreensão narrativa da experiência se apresenta como uma escrita, isto é, como um modo de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras”. Nessa perspectiva, Passeggi, Souza, Vicentini (2011, p.371) corroboram ao dizer que “não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinha”.

Em relação às pretensas análises feitas dessas entrevistas, vemos que a melhor proposição para esse objeto de tudo é a compreensiva - interpretativa, pois, concebe-se entre si relações de dialogicidade e reciprocidade, tendo em vista aproximações, vizinhanças, mas também singularidades em seus tempos e momentos de análise. (SOUZA, 2006a) a compreende em três tempos: Tempo I: Pré-análise / leitura cruzada; - Tempo II: Leitura temática - unidades de análise descritivas; - Tempo III: Leitura interpretativa- compreensiva do corpus.

As etapas descritas nos procedimentos metodológicos são os meios pensados para

auxiliar a percorrer caminhos que levem a desenvolver o conhecimento sobre as marcas de experiência, práticas e cenários propositivos que constituem os professores de Geografia que trabalham na EJA.

Considerações (In)conclusivas

Após a revisitação do objeto de pesquisa e dos processos metodológicos de construção do conhecimento, gostaríamos de concluir retomando a ideia de que a narrativa não é apenas o produto de um “ato de narrar”, ela tem também um poder de efetivação sobre o que ele narra. “Cada situação e cada experiência é singular, cada um de nós tem o seu modo particular de vivê-la, de lhe dar sua forma e sua significação” (DELORY- MOMBERGER, 2016, p.140).

As narrativas (auto)biográficas, construídas e/ou coletadas em processo de pesquisa ou em práticas de formação, centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si (SOUZA, 2014). Nesse sentido, as experiências que serão evocadas pelas narrativas são de um valor singular no processo formativo dos professores de Geografia. Pois, elas vão indicar caminhos e proposições na construção de um fazer pedagógico pertinente dentro da EJA, que reconheça múltiplas identidades e respeite as diferenças.

Nesse sentido, Mizukami (2008, p. 215), nos lembra que há uma “necessidade de se formar bons professores para cada sala de aula de cada escola, quanto pelo desafio de oferecer processos formativos pertinentes a um mundo em mudanças”. Percebemos uma complexidade imbuída de inúmeras subjetividades experienciais, que não se limita a uma instituição, contexto ou período temporal. Aprendizagem profissional da docência se constitui em “um processo complexo, contínuo, marcado por oscilações e descontinuidades e não por uma série de acontecimentos lineares” (LIMA; REALI, 2010, p. 221). É nesse contexto que Larrosa (2002, p. 21) nos lembra de que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas. Porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Compreendemos, portanto, o método (auto)biográfico como um dispositivo de grande potência para analisar as nuances existentes no processo de formação do professor de Geografia que atua na EJA. Articulando-se ao contexto de especificidades presentes desse público na perspectiva de dialogar com os conhecimentos, saberes e experiências já adquiridos pelos estudantes ao longo de suas práticas sociais e cotidianas, estabelecendo uma reflexão entre os saberes estruturados pela experiência desses sujeitos e os conhecimentos constitutivos da EJA.

Referências

ARROYO, Miguel. A educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAB), n.11, abril 2001.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto VI** – figuras do pensável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

DELORY - MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 17, n.51, set-dez.2012.

DELORY – MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um

saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v.01, n.01, p.133-147, jan./abr.2016.

FREIRE, Paulo. (2003) . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** (28ª ed.) São Paulo: Cortez.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf>>. Acesso em: 27 julho 2020.

HEIDEGGER, Martin, (1987). **La esencia del habla.** In: . De camino al habla. Barcelona: Edicionaes del Serbal.

IVENICKI, Ana; CANEN, Alberto Gabbay. **Metodologia da Pesquisa: rompendo fronteiras curriculares.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2016.

JOVCHELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In.: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 90/113.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In. **Revista Brasileira da Educação.** Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disp. em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA PDF > Acesso: julho, 2020.

LARROSA, J. **Nietzsche & a educação.** Tradução de Semíramis G. da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

LIMA, S.M.; REALI, A.M.M.R. O papel da formação básica na aprendizagem profissional da docência (aprende-se a ensinar no curso de formação básica?). In: REALI, A.M.M.R; MIZUKAMI, M.G.N. (Eds.). **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola.** São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo p.53-61, maio 1991.

MIZUKAMI, M.G.N. Aprendizagem da docência: conhecimento específico, contextos e práticas pedagógicas. In: NACARATO, A.M. **A formação do professor que ensina matemática perspectivas e pesquisas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 213-231.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NÓVOA António (Org.). **Vidas de Professores.** 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7ª ed. revista e atualizada – Petrópolis RJ: Vozes, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista.** Vol.27 nº1 Belo Horizonte Abril 2011.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006.

SCHÜTZE, F. 1992a. **Pressure and guilt**: war experiences of a young German soldier and their biographical implications', Parts 1 and 2, *International Sociology*, 7. p. 187-208, 347-67.

SOUZA, E. C. **O Conhecimento de si: estágio e narrativa de formação e professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014.

SOUZA, Kleyne C.D. de. Narrativas, rua e construção de laços: histórias que se encontram na EJA. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, V.05, n.14, p.841-858, mai/ago. 2020.

PALAVRAS - CHAVE: Professor de Geografia: Educação de Jovens e Adultos: Método (auto)biográfico: Entrevistas narrativas.